

Abril é o futuro
Os valores e os ideais de Abril no futuro de Portugal
(José Capucho)

Inicio esta intervenção com uma citação de Vasco Gonçalves na sua última entrevista.

“As conquistas democráticas alcançadas...foram todas inscritas na Constituição da República de 1976. A Constituição é filha da Revolução. As Conquistas de Abril eram o caminho para o futuro de Portugal. Elas continuam hoje, a ser devidamente analisadas, ponderadas, adaptadas e ajustadas, um objectivo para esse futuro, face às novas realidades do nosso país e do mundo.”

Camaradas e amigos:

A Revolução de Abril concretizou profundas mudanças na sociedade portuguesa, na organização do Estado, no sistema e estruturas sócio-económicas, nas liberdades e nos direitos políticos e sociais dos trabalhadores e do povo português.

As nacionalizações e o controlo operário que se estabeleceu no período revolucionário liquidaram o capitalismo monopolista.

A reforma agrária liquidou a propriedade latifundiária nos campos do Alentejo e Ribatejo.

Foi instaurado um amplo sector de economia onde o Estado e os trabalhadores tomaram o poder de decisão.

Foi dada uma contribuição que na conjuntura foi decisiva para a conquista da independência pelos povos das colónias portuguesas.

E é importante sublinhar que todas estas transformações revolucionárias foram alcançadas, no fundamental, pela acção e luta dos trabalhadores e do povo, numa aliança que foi a grande aliança da Revolução: Povo/MFA.

Durante cerca de dois anos, a dinâmica revolucionária prevaleceu e conseguiu não apenas dar uma contribuição decisiva para a defesa das liberdades e do regime democrático, como alcançar profundas transformações na sociedade.

A aliança Povo/MFA desenvolveu o processo e a dinâmica revolucionários, instaurando a democracia, derrotou sucessivas tentativas contra-revolucionárias, determinou as transformações e reformas democráticas fundamentais da sociedade e o curso e o

Abril é o futuro
Os valores e os ideais de Abril no futuro de Portugal
(José Capucho)

conteúdo da instauração e institucionalização do novo regime democrático.

As realizações e reformas foram sempre conquistadas pela luta dos trabalhadores e do povo em aliança com os militares revolucionários do MFA.

Daí que tais transformações sejam denominadas – Conquistas da Revolução.

As liberdades, A organização democrática do Estado, A nova estrutura económica, A Reforma Agrária, Os direitos sociais e culturais.

Estas e outras conquistas, como escreveu Álvaro Cunhal por ocasião do 25.º aniversário da Revolução de Abril – e passo a citar – “Caracterizaram, no seu conjunto, a democracia portuguesa resultante da Revolução – Uma democracia avançada – Rumo ao Socialismo.”

Quem queira conhecer o que foi a Revolução de Abril tem um instrumento que é testemunho da História, a Constituição da República aprovada e promulgada em 2 de Abril de 1976, que significou a institucionalização, em termos constitucionais, da Revolução de Abril. Constituição que acolheu as grandes transformações revolucionárias e que foi aprovada não apenas com os votos do PCP, mas também (embora depois como se viu com reserva mental) do PS e do PSD.

Com a mudança de correlação de forças militares e políticas, a ofensiva contra as Conquistas de Abril desenvolveu-se pela acção de sucessivos governos, ao longo dos últimos 38 anos. Surge então uma nova contradição que marca a vida política desde então. PS e PSD, que aprovaram a Constituição, empreenderam, uma vez no governo, uma política de destruição e liquidação das grandes conquistas democráticas.

Logo a partir da formação do 1.º governo do PS em 23 de Julho de 1976, governo minoritário apoiado pela direita, marca-se o lançamento da ofensiva sistemática contra as Conquistas de Abril. Com o governo PS sozinho começou a política de recuperação

Abril é o futuro
Os valores e os ideais de Abril no futuro de Portugal
(José Capucho)

capitalista, agrária e imperialista.

Sucessivos governos (do PS, do PS/CDS, de iniciativa presidencial, do PS/PSD, do PSD/CDS, PSD e até aos dias de hoje o governo PSD/CDS) prosseguiram a ofensiva contra-revolucionária tendo como objectivo estratégico a destruição das grandes Conquistas da Revolução e a restauração do capitalismo monopolista. O resultado dessa ofensiva contra as Conquistas de Abril foi a destruição do aparelho produtivo nacional, da agricultura, da indústria, das pescas. Conduziu ao agravamento contínuo da situação social, à degradação da cultura, à perversão da democracia política, ao sacrifício da independência e soberania nacionais.

A política de direita, iniciada há 38 anos pelo governo do PS/Mário Soares, de liquidação das realizações e valores de Abril, é uma política antidemocrática e antinacional, que não serve ao povo nem ao país. Como resultado destes 38 anos de políticas de direita, o país foi conduzido a uma profunda crise económica e social.

O caminho para superar a crise e resolver os graves problemas do povo e do país, não é possível com o prosseguimento da restauração de elementos e valores do passado anterior ao 25 de Abril, mas na projecção das experiências e valores da Revolução de Abril, num projecto que seja capaz de assegurar o futuro democrático, independente e soberano de Portugal.

A Revolução de Abril não é repetível.

A situação em Portugal e no mundo hoje é radicalmente diferente daquela que conduziu à Revolução, às suas realizações e conquistas, mas os seus valores, experiências e realizações, o seu projecto inscrito ainda hoje, apesar das revisões e mutilações, na Constituição da República, mantêm-se presentes na sociedade e na consciência dos trabalhadores e do povo português.

O processo contra-revolucionário não está concluído e também o regime democrático não pode ser considerado extinto. Perdura e afirma-se o valor de uma legalidade democrática. É verdade que a dinâmica de poder e dos instrumentos do Estado – do legislativo ao judicial – está hoje determinada pelo grande capital, mas também não é menos verdade que essa acção inserida no processo contra-

Abril é o futuro
Os valores e os ideais de Abril no futuro de Portugal
(José Capucho)

revolucionário foi feita à margem da lei e contra a Constituição.

No momento actual o país vive uma grave situação, indissociável da política de direita levada a cabo ao longo dos últimos 38 anos, por sucessivos governos do PS, PSD e CDS, que foram sistematicamente destruindo e combatendo as transformações e Conquistas da Revolução, promovendo a restituição dos grupos monopolistas e a submissão do país à União Europeia e ao imperialismo. Uma política de intensificação da exploração e destruição dos direitos laborais e sociais dos trabalhadores e do povo português, que destruiu o aparelho produtivo nacional, arruinou a economia e endividou o país, situação que tem sido agravada pela entrega do país à Troika estrangeira, primeiro pelo governo PS com o apoio do PSD e CDS e concretizada e aprofundada pelo governo do PSD/CDS (com o apoio do Presidente da República), políticas que conduziram o país à situação de desastre em que se encontra.

A luta hoje pela demissão do governo é condição urgente e necessária para travar este desastre antinacional, antidemocrático, antissocial e anti-cultural. Demitir o governo PSD/CDS é um imperativo nacional, mas não basta demitir este governo para interromper a política de direita. É necessário uma ruptura com a política dos últimos 38 anos, construir uma alternativa política que promova e afirme um Portugal democrático, justo e soberano, independente e desenvolvido, livre da política de direita e da integração capitalista da União Europeia e do imperialismo.

A Constituição da República mantém no seu texto princípios e disposições que dão força à defesa e exercício de direitos fundamentais, que possibilitam as opções de desenvolvimento económico e social, no interesse do país da soberania e independência nacionais.

Tal é possível com o papel decisivo da força e luta organizada dos trabalhadores e do povo, com a convergência e unidade dos democratas e patriotas, que no momento actual encontra na luta, pela ruptura com a política de direita, por uma alternativa que promova e afirme um Portugal democrático, justo, soberano,

Abril é o futuro
Os valores e os ideais de Abril no futuro de Portugal
(José Capucho)

independente e desenvolvido, base para comprometer e envolver um conjunto de classes, sectores e camadas antimonopolistas. Perante a ameaça que se nos apresenta da perpetuação da ofensiva (mesmo com outras cambiantes), a ruptura com a política de direita e a construção de uma alternativa é condição para travar o rumo de desastre a que querem amarrar o país.

Alternativa que tem de se basear numa política patriótica, porque a nova política de que Portugal precisa tem de romper com a crescente subordinação e recolocar no centro da orientação política a afirmação de um desenvolvimento económico soberano, a redução dos défices estruturais, a defesa intransigente dos interesses nacionais, articulada com a necessária cooperação no plano europeu e internacional. Basear-se numa política de esquerda, sem hesitações, que rompa com a política de direita e inscreva a necessidade da valorização do trabalho e dos trabalhadores, a efetivação dos direitos sociais e das funções sociais do Estado, que promova a igualdade e a justiça social e encete o caminho para o controle público dos sectores estratégicos nacionais – financeiros e económicos – e assuma a opção clara de defesa dos trabalhadores e das camadas e sectores não monopolistas, enquanto condição de afirmação de um Portugal desenvolvido e soberano, sustentado na Constituição da República e no que ela possibilita como base suscetível para a sua concretização.

Uma política de esquerda, que partindo dos valores de Abril, que são simultaneamente ideais e conquistas, participação e intervenção das massas, intervenção essa que se revelou e revelará como uma imensa força de transformação e avanço. Valores que são património e inspiração para a acção dos trabalhadores, do povo, dos democratas e patriotas, de todos os que aspirem a uma vida melhor numa sociedade mais justa, e a experiência histórica das realizações, conquistas, valores e lições da Revolução de Abril para que na situação actual se possa optar por um caminho de futuro, para a realização de uma política que

Abril é o futuro
Os valores e os ideais de Abril no futuro de Portugal
(José Capucho)

sirva o povo e o país.

E termino com mais duas passagens de Vasco Gonçalves na sua última entrevista.

“Penso que os caminhos de Abril continuam bem actuais para a construção duma sociedade de justiça social no nosso país.”.

“Nestas condições tão difíceis e tão exigentes para cada um de nós, a missão que se põe às forças democráticas e progressistas...é o trabalho empenhado, persistente, quotidiano, inteligente, pela consciencialização política e social do nosso povo para a efectiva participação na construção do seu próprio futuro.”.

Com organização, pela luta, pela afirmação dos valores e ideais de Abril, com confiança na força e vontade dos trabalhadores e do povo, com a unidade dos democratas e patriotas, temos a convicção de que é possível uma vida melhor num Portugal de progresso, livre e democrático, inseparável dos valores da Revolução de Abril.

Não vamos esperar. Vamos continuar a lutar! Pelos valores de Abril no Futuro de Portugal! Pela democracia, pelo futuro socialista de Portugal!

Prestando assim a nossa homenagem ao Companheiro Vasco, homenageando o seu exemplo de coragem e patriotismo, das suas referências e preocupações, o respeito pelos direitos e interesses dos trabalhadores, do povo e de Portugal.

Que vivam os ideais de Abril!